



CORPO-ARTE SAPATÃO: PERTURBAÇÕES NECESSÁRIAS CONTRA A VIOLÊNCIA DO OLHAR

Eixo Temático 05 – Corpo lésbico sapatão: por uma política de vida?!

Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)¹
Nathália Pereira Martins²

RESUMO

Somos dois corpos sapatão! Com orgulho, gargalhadas, línguas atrevidas e mãos molhadas, gritamos: SA-PA-TÃO. Deguste essa palavra no corpo. Em pelos indomáveis, cortes e roupas que perturbam o gênero, a arte se torna luta e manifesto. Nossas memórias insurgem frente à violência dos olhares normativos, criando espaçotempos de respiro e autoestima. Através da pesquisa autobiográfica, entrelaçamos poesia, colagem, desenho e fotografia como resistência. Inspiradas por Audre Lorde (2019), Monique Wittig (2022), bell hooks (2021) e Gloria Anzaldúa (2021), vemos na arte sapatão territórios de fuga e reconstrução. A poesia tece resistências; a colagem borda normatividades; o desenho inventa sem pedir licença; a fotografia captura corpos que resistem. É autopreservação e vida pulsante.

Palavras-chave: Corpos; Sapatão; Arte sapatão; Experiências; Autopreservação.

LAMBENDO A FRONTEIRA: começos indomáveis

Somos dois corpos sapatão! Sim, é isso mesmo que vocês estão lendo. Com a boca cheia de orgulho, gargalhadas que dançam no espaçotempo, mãos molhadas e línguas atrevidas, venham conosco e, assim, digam com a água lambuzando todo seu corpo: SA-PA-TÃO. Engulam essa palavra, deguste-a no corpo e sintam como cada letra que a compõe é arte, pulsão de vida. Assim, entre pelos indomáveis, cortes de cabelo e roupas que perturbam

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade Estado da Bahia (UNEB), *Campus XIV*. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), marializandra1626@gmail.com;

² Graduada no curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), *Campus XVIII - Eunápolis*, nathaliapmartins@outlook.com.



o gênero, cada verso, rasgo, imagem, sombra e invenção se tornam lâminas de luta, declaração e manifesto de existência.

Sentindo nossos corpos quentes pelas chamas das músicas que cantamos no chuveiro, ficamos molhadas em questionamentos: por que é preciso ainda hoje dizer sapatão com a boca cheia de orgulho, como quem recitada poesia por todo o corpo? Por que nossos corpos ainda são lidos como afronta? Como se olhar com dengo quando o ódio dos outros ainda habita o corpo? Este trabalho surge de corpos insubmissos, entre silenciamento e desejo, entre a norma que nos quer retas e a curva, fronteira e margem que escolhemos ser. É preciso escrever lambuzada de arte, porque a teoriza sozinha não nos beija; escrever como quem respira pelo papel.

Assim, este texto importa porque existimos e resistimos, rasurando a norma por meio de epistemologia insubmissa sapatão que dança gozando entre a língua-chama e a fúria. Não há respostas, mas sim gestos, memórias, gozos e feridas – tudo se transformando em texto, bordando arte. Tentativas de criar brechas onde nossos corpos possam brincar de serem livres, onde dizer sapatão seja um começo e nunca um fim.

Vamos passeando pelas memórias e em gestos de insubmissão, este texto-arte busca problematizar os enlaçamentos das nossas experiências marcadas pela violência cotidiana do olhar que agride, normatiza, regula e coloniza, compreendendo como a arte sapatão se torna espaço-tempo de respiro, criação da autoestima e fronteiras possíveis para corpos que desafiam as normatividades e perturbam o gênero. Com os corpos que carregam as marcas do estranhamento, seguimos caminhos que bordam memórias e expressões artísticas como modo de denúncia e estudo.

TECENDO COM O CORPO: bordados de si em arte-memória sapatão

Não escrevemos sobre, escrevemos com. Com as memórias, com as feridas, com as risadas que insistem em fluir entre as imposições da norma. Lançamos em caminhos, nas paisagens, fronteiras e margens – um gesto bonito de não distanciar corpo do fazer científico. Escolhemos um modo de pesquisar que é também um modo de viver: a pesquisa autobiográfica como travessia encarnada, onde o corpo, a experiência e a subjetividade são territórios de insurgência e de criação.



Por isso, nos abraçamos na arte sapatão como força teórica-metodológica, como dispositivo de resistência e reinvenção. Nas produções autorais, juntamos nas experiências a poesia, a colagem, a fotografia e ao desenho. A poesia, porque nos permite dizer com radicalidade o que rasga nossos corpos; a colagem, pelos seus pedaços de mundo, dizendo que há beleza em ser fragmento; a fotografia, pela possibilidade de escapar daquilo que ousamos capturar: corpos, sombras, sonhos, amores, desejos, medos, coragem e teimosia; e o desenho, pela manifestação do gesto que não pede permissão.

Para enlaçar as experiências com as produções artísticas e brincar com as inquietações sobre dissidência de gênero, versões amorosas de si e arte como resistência, conversamos com Audre Lorde, Monique Wittig, bell hooks e Gloria Anzaldúa, fazendo do texto um vem junto – costuras com agulha insubmissa, entre o amor e o abismo, o grito e o silêncio, o dengo e a fúria, o desejo e a raiva. Em outras palavras, vamos brincando com as palavras, compondo um texto como quem escorre, dobra, dança; um saber que vem da desobediência, em movimento e de corpos sapatão.

ARTE SAPATÃO: corpos que ardem em chamas poéticas e insubmissas

Dos rastros deixados pelas nossas mãos-corpos sujas de tinta, palavras, desejos e criações, emergem imagens que denunciam, encantam, tremem, interrogam e lambuzam caminhos. Aqui, apresentamos os vestígios do que fomos criando entre o dengo e a insubmissão, entre silêncio e grito, entre corpos e artes. Assim, questionamos: em que momentos podemos nos dar ao luxo do espaçotempo para mergulhar em nosso processo artístico? O que sacrificar e onde se demorar? Entre devaneios, inquietações e movimentos, relembremos bell hooks (2019) escrevendo sobre a necessidade de um momento solitário e estático sem interrupções para o cultivo de práticas artísticas, o que ainda não é uma cultura, visto que grande parte das artistas mulheres se sentem sobrecarregadas com demandas de trabalho, o cuidado de si e da própria família não patriarcal, energias e demais compromissos.

O controle e rigidez da programação, realizando todas as atividades previstas, ainda consegue ser opressora no quesito de limitar nossos devaneios. “Mesmo sem limitações machistas, racistas ou de classe dizendo que não podemos ser artistas, que não conseguimos criar um trabalho importante e interessante, somos restringidas pelas limitações da nossa

imaginação” (hooks, 2019, p. 238). Mas, vamos pousando na teimosia da criação artística, como podemos sentir nas imagens a seguir.

Imagens 1 a 2 – Colagem e poesia sapatão



Fonte: Produção autoral das autoras, Nathália Martins e Liz Mendes, respectivamente (2025).

Sentindo a colagem e a poesia sapatão, mastigamos e engolindo as palavras, bell hooks (2019) discorre como muitas artistas mulheres são afetadas pelo medo subjacente da solidão e abandono ou acabam por silenciar a si mesmas e os resquícios de arte, nosso tempo é sempre consumido e violentado, principalmente para aquelas que trabalham em uma área distinta à sua arte. “Com frequência mulheres, particularmente as não brancas, me perguntam como encontro tempo para escrever tanto. Encontro tempo sacrificando outros envolvimento e compromissos” (hooks, 2019, p. 239). Nesse sentido, enfrentamos questões de gênero, classe, étnico-racial, sexualidade e territorialidade visto que produções e processos artísticos de homens brancos são validados e não necessitam de uma justificativa para a entrega e devoção pela arte.

Em contrapartida, as artistas mulheres são vistas como suspeitas e ameaçadoras. A luta pelo nosso espaçotempo é constante e necessário, é nesse momento que podemos cultivar nossa criatividade como uma forma de autopreservação e libertação, à medida que



exploramos o nosso íntimo e nos movimentamos. Explorando o atrevimento, como destaca bell hooks (2019), precisamos (re)inventar possibilidades para desviar e transpor as barreiras dos nossos caminhos, rompendo e enfrentando a deslegitimação dos nossos processos artísticos. “Como artistas mulheres expressando solidariedade independente das diferenças, devemos abrir caminho, criando espaços em que nosso trabalho possa ser visto e avaliado de acordo com os padrões que reflitam nossa noção de mérito artístico” (hooks, 2019, p. 242). Enquanto corpos sapatão, esse espaçotempo é um refúgio e mais um ato de rebeldia, na medida em que nossa criatividade artística contracultural carrega a perturbação da ordem e da normatividade, bordando corpos, memórias, línguas e dedos.

Nas tecituras poéticas aguçadas de Audre Lorde (2019), percebemos que a poesia mora no íntimo oculto e podemos dar poder a vida, onde não há medo que possa nos controlar. Ouvimos Audre Lorde (2019, p. 44) sussurrar: “Dentro desse local profundo, cada uma de nós mantém uma reserva incrível de criatividade e de poder, de emoções e de sentimentos que ainda não fora examinados e registrados”, sentimos a poesia se mostrar enquanto uma necessidade vital para a nossa continuidade, experiências e movimentos, ultrapassando o medo e o controle que tentam nos domesticar.

Nesse processo que nos (re)fazemos e nos (re)inventamos, nossas poesias em forma de palavras, recortes, contornos e tintas fluidas são maneiras de explorar e cuidar de si de forma sustentável e autopreservativa, externalizando com coragem nossos sentimentos e adubando nosso espaçotempo e o interior do processo criativo artístico. Afinal, nossas poesias “[...] articulam as implicações de nós mesmas, aquilo que sentimos internamente e ousamos trazer à realidade (ou com o qual conformamos nossa ação), nossos medos, nossas esperanças, nossos mais íntimos terrores” (Lorde, 2019, p. 47).

Nesse sentindo, os bordados de Gloria Anzaldúa (2021), onde a caneta se faz agulha e as palavras são linhas, refletem a dificuldade que temos em perceber que podemos nos tornar e nos reconhecemos enquanto escritoras em um meio – classe, cultura, gênero, sexualidade – estruturado pelo patriarcado branco, que nos condiciona, enquadra nossa arte e nos faz duvidar da legitimidade e relevância das nossas produções-contribuições, apenas se nos despirmos de tudo que somos. São essas mãos que tentam desfazer nossos emaranhados e traçados, na tentativa de insistir que a escrita não é para nós, mas nossos bordados são de linhas cortantes perigosas.

Continuamos ouvindo Gloria Anzaldúa (2021, p. 55) afirmar que “O que nos valida enquanto seres humanos nos valida enquanto escritoras. O que nos importa são as relações que nos são caras, tanto com a gente mesma quanto com outras. Nós precisamos usar o que é importante pra nós pra chegar à escrita”, evocamos as artes a seguir.

Imagens 3 a 4 – Desenho e fotografia sapatão



Fonte: Produção autoral das autoras, Nathália Martins e Liz Mendes, respectivamente (2025).

A produção orgânica (Anzaldúa, 2021) é visceral, evoca o que temos de mais íntimo, como medos, alegrias, desejos, dores, resistência e poder. Nossos eus se desdobram e dançam no papel com autonomia e se espalham com vivacidade, como a tinta fluida da aquarela. Ao explicar o que a leva a escrever, Anzaldúa (2021) discorre sobre como a escrita se transforma em uma maneira de recusa ao silenciamento e complacência, reescrevendo a narrativa universal e manipulada que contam sobre nós.

Em um processo de autodescoberta e preservação do seu próprio eu, autônomo, se (re)criando e aceitando o real valor enquanto escritora, na teimosia de continuar a escrever e combater mitos de ser “poeta louca” apesar de ameaças e censuras, pois há muito o que dizer



sobre os sujeitos banalizados e sufocados nas escritas. “E, por fim, eu escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever” (Anzaldúa, 2021, p. 52). A solidariedade e a irmandade entre escritoras, ao ler umas às outras, impulsionam a nossa continuidade, percebemos que não estamos sozinhas nesses emaranhados de fios-palavras, a escrita arrebatadora nos encoraja a consolidar nosso espaçotempo, onde nos transpassamos e nos dissipamos no ar, no universo, nos tornamos poder-poesia pulsante (Anzaldúa, 2021).

Vamos até o encontro com Monique Wittig (2022), para dizer que o corpo sapatão não apenas escapa às classificações tradicionais de gênero — ele as desestabiliza, perturba, desmonta e rasga. Nos termos em que o sistema heterossexual deseja e define que o ser feminino, o corpo sapatão ao recusar ser “mulher” desmonta a linguagem que o aprisiona. Cria-se perturbação epistemológica, uma identidade política viva, uma fuga reinventiva.

Um corpo que perturba o gênero pois não se deixa capturar, não se explica nos termos da norma: existe como possibilidade em constante ruptura, fuga e reinvenção. Wittig (2022) ao dizer que a mulher só existe como categoria relacional subordinada ao homem, então a sapatão rasga a lógica binária, tanto por se relacionar com outras, quanto pela quebra da heterossexualidade compulsória. Seu corpo torna-se campo de batalha e de criação.

Sentimos que as criações artísticas surgem como territórios de fuga, respiro e conhecimento-reconstrução de si. Na poesia, as palavras tecem resistências in(ter)ventivas e corpos dignos; na colagem, entrelaçamentos de imagens de corpos, memórias, paisagens, palavras... que bordados desafiam as normatividades; no desenho, mãos atrevidas inventam possíveis sem pedir licença; e na fotografia, captura-se fragmentos de experiências e corpos que resistem à invisibilidades.

FAGULHAS PARA DEPOIS

A arte sapatão é mais do que expressão — é víscera, é corpo movendo contra a normatividade, é poesia onde antes havia silêncio. É nossa forma de dizer: existimos, perturbamos, criamos. Neste caminho atravessado por poesia, colagem, desenho e fotografia, fomos desafiando os fios da violência que se impõe pelo olhar e bordando, com teimosia e desejo, um espaçotempo onde nossos corpos pudessem brincar de ser livres.

Com bell hooks, aprendemos que criar é se sacrificar e se cuidar, é erguer um território onde a arte possa ser sem precisar se justificar. Com Audre Lorde, aprendemos que a poesia



não é um luxo, mas necessidade vital. Com Gloria Anzaldúa, bordamos com palavras-agulha, reconhecendo o poder criador das feridas e o direito de escrever apesar do medo. E com Monique Wittig, rasgamos o tecido da linguagem que quer nos nomear como “outras”, para, então, sermos o que quisermos ser: corpos políticos, epistemologias vivas, fúrias ternas, palavras encarnadas.

As criações aqui apresentadas se abrem. Cada fragmento artístico é um gesto de autopreservação e denúncia, um grito em forma de imagem, uma carícia que também arranha. Seguimos bordando com tinta, verso e corpo. Seguimos perturbando, com o peito aberto e os corpos sujos de criação. Porque, no fim, como nos lembra Anzaldúa (2019, p. 52), “tenho mais medo ainda de não escrever”. Escrever aqui seja o nosso jeito mais bonito de continuar vivendo. A arte sapatão é autopreservação, visceral, um manifesto insurgente de criar lugares pulsantes de vida e de inscrever-se no mundo.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *In*: ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021. p. 43-62.

HOOKS, bell. Artistas mulheres: processos criativos. *In*: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Orgs.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**. v. 2. São Paulo: MASP, 2019. p. 236-243.

LORDE, Audre. A poesia não é um luxo. *In*: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

WITTIG, Monique. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Tradução de Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.